

empreitada, recebemos essa homenagem póstuma”, explica. O objeto herdado se transformou em símbolo de reconhecimento profissional e de afeto.

Com isso, o impacto emocional foi imediato. “Orgulho do legado do meu pai e saudade. Foi muito emocionante e ficamos muito contentes com o carinho que a equipe dele tinha por ele, que estava expresso na carta”, diz. Para Luiza, as medalhas levam muito mais do que o evento esportivo em si. “Carrega, para mim, as lembranças do meu pai morando no Rio de Janeiro, o seu amor pela praia, sua emoção pelos jogos e orgulho de seu trabalho.”

As memórias também resgatam a trajetória profissional de Ton Ceruti, que atuava na área de telecomunicações e integrou a equipe responsável por trazer a tecnologia celular para o Brasil. “Ele ficou muito contente de ter feito parte disso. Antes de ir para o comitê olímpico, trabalhou nos Jogos Pan-Americanos (2007) e ia em todos os jogos que conseguia, tanto do ‘pan’ quanto do ‘para-pan’. Imagino o tanto que iria se divertir nas Olimpíadas”, relata.

Não houve desafios práticos ou emocionais para manter a herança, tampouco dúvidas sobre seu destino. “Sempre quis mantê-la. Minha mãe emoldurou e guardou nos fundos da moldura a carta belíssima que acompanhou as medalhas.” Hoje, o legado faz parte da rotina. “As medalhas ficam em um quadro no meu escritório e as vejo diariamente quando trabalho.” Para a arquiteta, o valor está justamente na simbologia. “É uma herança ‘culposa’. Não veio diretamente do meu pai, mas é um lindo símbolo do trabalho dele e da pessoa que ele foi, querida por onde passava.”

Amor que transcende

Outro tipo de herança não convencional é aquela que envolve não apenas objetos, mas seres vivos e valores morais. O funcionário público Alan Vieira Brasil, 60 anos, herdou da mãe, Eunice Vieira dos Santos, algo que ultrapassa qualquer bem material. “Herdei de minha amada mãe, Eunice Vieira dos Santos, bens materiais, sim, mas o mais importante foi seu legado de honestidade e de verdades, nunca mentiras!”, afirma.

Entre os bens herdados está um cachorro caramelo, considerado um dos xodós da mãe. “Um lindo, manho-so caramelo, chamado Nike. O outro, Looock, faleceu um ano depois.” A herança não era algo imaginado. “Não se passa pela cabeça perder tão cedo parentes, nunca cogitei isso!”, diz.

O luto marcou profundamente a experiência. “Lamentos, prantos, choros e dor forte no coração. Resumo: a falta.” Para Alan, o lar herdado se tornou um espaço de memória constante e pulsante. “A casa, toda a presença dela, dos almoços, da alegria de casa cheia, das discussões também, de agradecer a Deus quando eu chegava tarde do trabalho e de suas preocupações quando eu saía.”

Assumir esse legado exigiu força emocional e muito

“Herdei de minha amada mãe, Eunice Vieira dos Santos, bens materiais, sim, mas o mais importante foi seu legado de honestidade e de verdades, nunca mentiras!”

Alan Vieira Brasil, funcionário público

Arquivo pessoal



Alan Vieira herdou da mãe, Eunice, o cachorro caramelo chamado Nike

preparo psicológico. “Sim, houve (dificuldades), mas coloquei na cabeça que era melhor manter viva sua memória e seu legado, cuidar das coisas que ela deixou para mim e para minha filha.” Em nenhum momento houve a ideia de se desfazer dos bens. “Toda vida de mãe, seu suor em Brasília, está hoje comigo!”

No dia a dia, a herança se manifesta mais no campo afetivo do que material. “Aprendi que materiais vão, mas o amor e a saudade são maiores! Preservar, sim; trocar por uma vida, nunca!” Para Alan, o valor desse legado está na história de migração e esforço. “O sacrifício e sufoco de alguém que chega a Brasília em 1957 e já vai trabalhar! Como disse, é o resumo de toda uma vida, dela, aqui entre nós.”

Além do aspecto emocional, heranças não convencionais também levantam dúvidas sobre valor, preservação e significado histórico. É comum que objetos herdados cheguem a antiquários sem informações claras sobre sua importância. Segundo Lucas Lima, sócio da loja de antiguidades Pé Palito, isso faz parte de um processo cultural. “É muito comum as pessoas chegarem na loja sem saber o valor, mas, sim, o valor que os antepassados davam”, explica.

Trabalhando há 10 anos com mobiliário brasileiro dos anos 1950 e 1960 e com arte moderna, Lucas observa que muitas famílias reconhecem apenas o vínculo afetivo, não o histórico ou financeiro desses produtos. “Às vezes, um avô que gostava muito de um relógio ou alguma coisa assim, e a pessoa somente ter a noção de que esse antepassado dava esse valor para essa peça.”

Para ele, diferenciar valor financeiro de valor afetivo depende do contexto. “O mercado determina a questão do valor financeiro e o afetivo vem muito mais da experiência”, ressalta. Uma poltrona, por exemplo, pode valer pouco no mercado, mas muito para quem associa o objeto a histórias familiares. “Isso é uma coisa mais subjetiva.”

No caso de louças, coleções e objetos específicos, a valorização varia. “Isso é muito determinado pela moda, pelo que se usa naquele período”, afirma. Algumas exceções envolvem peças raras ou produzidas com materiais específicos, como louças japonesas de alta qualidade, que tendem a se valorizar com o tempo.

O cuidado com essas heranças começa pela informação. “Pesquisar, reunir mais informações, não lidar com o sofá como se fosse só um sofá”, ressalta. Muitas vezes, objetos aparentemente comuns são peças assinadas e raras. “Informação é o primeiro caminho para ter esse cuidado essencial.”

Sobre as novas gerações, Lucas percebe uma mudança gradual. “A gente ainda passa muito pela questão do funcional”, diz, mas aponta que redes sociais e influenciadores têm despertado mais interesse por móveis antigos e objetos históricos. “Isso estava em baixa entre os jovens e vem melhorando.”

Sejam medalhas olímpicas, uma casa cheia de memórias ou um cachorro herdado junto com valores de vida, as heranças não convencionais mostram que o verdadeiro legado muitas vezes não cabe em inventários. Ele se manifesta no cotidiano, na saudade, na memória e na forma como histórias continuam sendo contadas, mesmo depois da ausência.